



1966
Junho
ANO IX
N.º 43

Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. Tip. CORREIO DA HORTA

ARAUTO

Redacção e Administração: Liceu Nacional da Horta

Editor: DR. TOMAZ DA ROSA

Redactores
Carlos Frayão e Guilherme Pinto

Redactor Desportivo
Tomás Manuel

Administradores
Herberto P. Faria e José A. Rosa

40.º Aniversário da Revolução Nacional

O Liceu Nacional da Horta participou na comemoração do 28 de Maio da forma que noticiamos noutra parte do nosso jornal.

Os que trabalham no «Arauto», interpretando os sentimentos dos filiados desta Divisão, dirigem as suas efusivas saudações a S. Ex.º o Presidente do Conselho, a quem o movimento chefiado por Gomes da Costa deve a doutrina orientadora que salvou a Pátria.



Encontra com Deus

Deus é espírito. Não o vemos directamente, mas Ele afinal está sempre diante de nós para não nos esquecermos d'Ele.

Observemos a paisagem que se desenrola ante os nossos olhos. Este mar imenso a banhar tantas ilhas e continentes, de cujos habitantes é fonte alimentícia. Essas montanhas que de inverno se cobrem de neve, como um lenço branco em que o céu envolve carinhosamente a Terra. Quem fez

tudo isto? Quem senão Deus?

Se formos numa tarde dar um passeio pelo campo, que beleza não admiramos! Que pormenores graciosos como as ervinhas frescas a oferecerem-se como boa merenda aos animais, que trabalharam tão arduamente todo o dia.

São tão belos os campos enverdecidos, as árvores erguidas, as flores desabro-

(Conclui na 3.ª página)

Nota sobre o lirismo de Camões

Camões, o maior poeta Europeu do século XVI, recebeu influências medievais, clássicas, dos poetas líricos italianos renascentistas e de Petrarca.

Este facto, porém, não lhe diminui a genialidade e virtude das suas qualidades superiores, nomeadamente a profundidade de sentimento, a desenvolvida imaginação e finura de sensibilidade, conseguindo assim salvaguardar a sua individualidade artística.

Escreveu trovas, cantigas, glosas e vilancetes dentro da «medida velha» em conformidade com os temas medievais, em especial os temas cortesãos e da saudade.

A «medida nova» é elevada por ele a grande perfeição, como no-lo provam os seus sonetos, canções, odes, élogos e elegias.

A influência clássica manifesta-se em vários processos, géneros e assuntos,

como os temas, «instabilidade da fortuna e da glória» que Camões assimilou, conferindo-lhes um tom pessoal. Observe-se a propósito que esta influência clássica aparece bem acentuada n'«Os Lusíadas» que se submetem à preceituação que regulamenta o poema épico ao gosto clássico, no uso do maravilhoso pagão. A vivificação camoniana de alguns mitos antigos imprime admirável interesse humano ao poema.

Mas voltando aos aspectos meramente líricos da

(Conclui na 3.ª página)

DR. GABRIEL SIMAS

No dia 1 de Maio último faleceu o sr. dr. Gabriel Peixoto Baptista de Simas. A triste ocorrência foi lamentada por toda a cidade e os órgãos de informação tornaram então pública a expressão de pesar geral.

É contudo ao «Arauto», que, duma maneira especial, compete transmitir todo o sentimento e gratidão de inúmeras gerações académicas para com a memória do insigne professor, que, durante largos anos, leccionou neste liceu, conquistando entre todos os alunos a maior amizade e admiração.

À família do extinto renovamos os nossos sentimentos de pesar, em nome de todos os professores e alunos deste liceu.

‘Água Grande’

Na nossa Redacção recebemos um novo jornal académico, pertencente ao Centro Escolar n.º 1 de S. Tomé e Príncipe, dos alunos do Liceu Nacional D. João II, cujo reitor é o sr. dr. Margarido, que já foi professor no nosso liceu.

Ao «Água Grande» — assim se chama aquela nova e interessante edição — agradecendo a gentileza, auguramos as maiores prosperidades e uma longa vida.

O que é a emigração?

Emigração é um movimento de pessoas de um país para o outro, em virtude da falta de trabalho, viveres, ou ainda pela carência de salários que melhor ajudem a manutenção da família.

A emigração açoriana será uma corrente de hoje, ou tem existido sempre?

Não, não é um facto de hoje nem de ontem; já é tradicional.

Mas quais as suas causas?

Entre elas citaremos o isolamento e a falta de meios de comunicação: a má situação resultante dos terremotos, a invasão dos piratas que infestavam as costas das ilhas, a escassez de alimentos que ocasionava grandes fomes no séc. XVIII e ao mesmo tempo o desejo dum maior rendimento do trabalho.

Foram talvez, os faialenses que iniciaram essa carreira para terras longínquas, por conviverem mais intimamente com os marinheiros de baleeiras americanas que ancoravam nas suas costas.

A notícia mais recuada sobre a emigração dos açorianos, embora não se possa confirmar, data do séc. XVI e foi dirigida para a América do Norte, também chamada a «Terra Nova do Ocidente». Porém, não era feita por vontade própria, mas sim imposta, para que aquele país se colonizasse mais rapidamente. Nos séc. XVII e XVIII houve emigração de faialenses para o Brasil.

Rodando as eras, chegou-se ao séc. XIX, e, é aí que começa a verdadeira emigração para a América do Norte. No entanto, essa corrente, já não era imposta como acontecia dantes, visto nesta altura as condições serem outras. Os açorianos emigravam conhecedores do que, mais ou menos, os esperava. Foi para a Nova Inglaterra que os primeiros emigrantes se dirigiram, e, para aí, a corrente emigratória começou.

Julgou-se que foram os faialenses que primeiro chegaram. Saíram nas fragatas que aportavam à Horta e, mais tarde, em baleeiras americanas que vinham descarregar óleo e abastecer-se de provisões. E assim saíam clandestinamente, dezenas de homens que procuravam novos horizontes onde se melhorassem. Todavia, nem todos chegavam ao seu destino. Alguns desembarcavam onde ancoravam os barcos, sem conseguirem penetrar nas terras com que sonhavam, havia muito.

Mais tarde, para efeitos de fiscalização, o governo enviou para o Faial uma canhoneira chamada «Açor». Embora a princípio, a emigração fosse feita clandestinamente, depois de grandes fiscalizações e do andar dos anos, tornou-se legal.

Mas onde se encontram todos esses açorianos que têm emigrado?

Começaram por fixar-se na Nova Inglaterra: New Bedford, então a maior colónia portuguesa de emigrantes. É de notar que os emigrantes tinham o cuidado de se instalarem no litoral, para que pudessem viver como no arquipélago e manter as suas tradições e costumes açorianos, como na Califórnia. Presentemente são inúmeros os que se encontram espalhados pelo mundo inteiro. Só em Fall River, há mais micaelenses que em Ponta Delgada, ocupando-se, como todos os outros açorianos em trabalhos a que estavam habituados na sua terra natal, tais como: pesca, criação de gados, actividade industrial, etc.

Os emigrantes ao saírem, não o faziam, sem ao menos levarem consigo os costumes e tradições das ilhas. E assim, em qualquer parte onde se encontrem, lá estão as festas tradicionais como as do Espírito Santo. Levavam chapéus de palha, tranças, bordados, instrumentos de corda e

(Conclui na 3.ª página)

Na vida de qualquer jovem há uma altura em que ele se sente em frente de dois caminhos. Um, o caminho do Bem, e outro o do Mal. O do Bem com aparência desanimadora, o do Mal com tudo o que há de mais atraente.

Imaginemos pois, dois jovens cheios de amor à vida e ansiosos de felicidade, hesitando diante desses dois caminhos.

Um deles decide-se pelo do Mal. Que linda estrada toda coberta de flores! Mesmo descalço nada lhe magoa os pés, há roseiras e toda a espécie de flores maravilhosas pelas bermas.

O céu é azul e as aves cantam embaladas pela música e pelo perfume: ele julga que encontrou tudo o que havia de melhor.

Mas... não está satisfeito. Uma voz lhe segreda: «Mais à frente e acharás melhor». Ele segue entre belezas estranhas. Mas ainda não se sente bem consigo mesmo, começa a pensar que não procedeu sensatamente, que não devia ter ido por aquele caminho. E olha para trás. Já não encontra tudo tão lindo como parecia à primeira vista. Os cantares dos pássaros parecem-lhe gritos de dor e o perfume das flores deixam-no enjoado.

Ainda, porém, lhe segredam: «para a frente, para a frente». E ele segue. Tudo continua belo e o céu é mais azul. As aves cantam ainda.

Mas o que vê ele? Ele não pode acreditar no que lhe passa diante dos olhos. De repente o céu tornou-se escuro, os relâmpagos cortam os ares. Em vez do cântico dos pássaros julga ouvir agora lamentações de pobres condenados. E as flores? As flores que são? Oh! as flores transformaram-se em feras esfaimadas que se lançam a ele para o devorarem. Depois da ilusão encara a realidade: à sua volta, quantos jovens mortos por não te-

rem sabido seguir o verdadeiro caminho. E ele?...

Acompanhemos agora aquele outro jovem que indolente perante os dois caminhos se resolveu a seguir o do Bem.

Caminha só. Triste? Não, porque a sua alma está em festa. Tem uma certeza. Sabe que seguiu o melhor caminho.

A estrada que diante dele se estende é ainda, estreita e cheia de pedregulhos que ferem os pés; pelas bermas afilam-se espinhos agudos, o céu é carregado de nuvens, tudo é desolação. A sua vista parece só alcançar tristeza e lá ao longe um deserto. Terá de passar por ele e sentir o sol escaldante, a boca secar-lhe-á. Mas não tem medo, olha para trás e tudo lhe parece mais belo. Continua firme na sua resolução: «Irei para além»...

Sente-se o mais feliz dos mortais no sofrimento.

Algumas vezes cai. Mas, como se não visível o ajudasse, levanta-se e prossegue o seu caminho no meio de dor.

Já está a chegar ao fim, já vê o sol despontar num bosque onde os rios parecem correr entre rosas. Que maravilha! Depois ouve uma voz: «Vem, estávamos à tua espera, serás feliz».

E em grande festa de alegria é recebido no meio da felicidade.

Não é fantasia, é realidade isto. Realidade da nossa vida presente e futura.

Aquele que quiser seguir o caminho do prazer não encontrará no fim senão a morte perpétua e a eterna dor. Aquele que conseguir ser forte e cumprir os seus deveres morais terá a sua recompensa. E que grande recompensa é ser feliz por toda a eternidade!

Maria Luisa da Cunha Luis

Encantua com Deus

(Conclusão da 1.ª página)

chadas como a avivar um sonho sobre a paisagem.

Quê agradável é contemplar o céu azul, ou salpicado de estrelas numa daquelas serenas noites de verão!

Por quem foi isto criado, para um povo ingrato como nós? Por um Deus que derramou o seu sangue para remir a humanidade inteira.

A nossa inteligência encontra-O na Criação.

Mas não é somente na natureza que se nos depára Deus. Encontramo-lo na pessoa de cada um dos nossos semelhantes, no seu olhar, na expressão do rosto, na maneira de reagir.

Contemplamo-lo nos nossos irmãos que sofrem nos hospitais e sanatórios, nos campos de concentração e em tantos outros lugares, Cristo a sofrer nos homens.

Encontramo-lo nos nossos pensamentos, nas inspirações que nos vêm do alto, nas nossas palavras, nos bons conselhos que damos ao nosso semelhante.

Encontramo-lo também em nós próprios.

Deus manifesta-se a cada hora e cada instante, em tudo e em todos.

Enfim: se aproveitarmos as belezas e os bens terrenos, façamo-lo moderadamente, não esquecendo que para além desta vida existe outra na qual nos aparecerá imediatamente Deus. Ao morrerem, caímos em Deus.

Seremos julgados no seu tribunal de justo juiz que dará aos maus o castigo e aos bons o gozo da Pátria Eterna — o Céu. No entanto é misericordioso. Espera-nos de braços abertos num encontro final, com um coração ardente de amor para nos premiar os sofrimentos e as lágrimas choradas neste mundo.

Quem O encontra nas lágrimas, encontra-O no cântico da glória eterna.

Maria de Fátima Garcia
2.º Círculo

Actividades da M. P. no ano 1965-66

Além das actividades desportivas e instrução habitual, salientamos as seguintes iniciativas do Centro Escolar n.º 1, durante o ano findo.

Actividades Gerais

— Curso de Formação de Quadros — 5 a 7 de Novembro

— Acampamento de fim de semana — Outubro

— Acampamento da Páscoa — 5 a 10 de Abril

— Acampamento de fim de semana — Maio

Nota sl o lirismo de Camões

(Conclusão da 1.ª página)

poesia camoniana salientamos na obra lirica de Camões o neoplatonismo associado à doutrina cristã. O espírito deste poeta não olha só para a terra mas contempla também o céu, admirando e exprimindo a espiritualidade da vida. O pensamento religioso do grande lirico transparece em várias elegias,

Caracterizemos enfim o petrarquismo que também nos surge na lirica de Camões. São petrarquistas o uso de antíteses, a análise da psicologia amorosa, a relação da alma entristecida com a natureza alegre e a influência da beleza da amada na beleza dos campos, como se vê nas rondilhas «Se Helena apartar».

Camões, embora sofresse todas estas influências soube através delas criar uma poesia original que brotava da sua experiência humana e radicava nas tristezas do exílio e na sua vida sentimental, que o levou a escrever os seus sonetos mais elevados, dedicados a Dinamene.

Deixou-nos os mais belos poemas da lingua portuguesa que, se foram iguallados, nunca foram excedidos. A perfeição formal e a vibração emotiva e profunda dos seus versos e a larga visão do mundo, da vida e do Homem, fazem de Camões lirico (que igualla o épico) um dos maiores génios das Literaturas Universais. T. M.

Secção Cultural

— Publicação do jornal «Arauto»

Bingo com variedades no Ginásio do Liceu. — 17 de Dezembro

— Bingo com variedades no «Amor da Pátria» — 26 de Janeiro

— Excursão pedagógica à Ilha Terceira. — 27 de Março a 4 de Abril

— Recital sobre Gil Vicente — 10 de Junho

Secção Desportiva

— Tarde Desportiva no Estádio do F. S. C. (futebol entre as equipas do F. S. C. e C. E. n.º 1 e gincanas de automóveis e motas) — 1 de Dezembro

— Serão Desportivo no campo de jogos do F. S. C. (milha pedestre, jogos de hoquei e basquetol). — 1 de Dezembro

— Prova de Corta-mato

— Apresentação da classe especial de ginástica — 10 de Junho.

Secção de Camaradagem

— Subsídios a filiados (medicamentos, fardas e propinas).

— Sorteio do Cabaz do Natal — 17 de Dezembro

— Festa de Camaradagem — 9 de Janeiro

— Sorteio do Ovo da Páscoa. — Março

Comemorações Liceais R. N.

Entre outros actos o nosso liceu esteve representado nas comemorações do 40.º aniversário da Revolução Nacional através da classe especial de ginástica, treinada pelo sr. prof. Gaspar Neves, e que no dia 10 de Junho se apresentou, causando geral agrado, no Estádio do F. S. C.

*

Integrado também nas comemorações do 40.º aniversário da Revolução Nacional, no dia 28 de Maio foi inaugurado no ginásio deste liceu, estando aberto ao público por vários dias, um Salão de Estética organizado pela M. P. Distrital masculina e feminina.

A exposição foi muito concorrida, conquistando as melhores impressões dos seus numerosos visitantes.

Os Açores e a emigração

(Conclusão da 2.ª página)

trabalhos em miolo de figueira.

Mas este povo não se estabelecia somente no continente americano. Dirigia-se também para o Brasil, desde o principio do séc. XVII, como dissemos, até fins do séc. XIX.

Actualmente essa corrente enveredou-se para o Canadá e Ultramar, verificando-se, contudo, que para as nossas províncias ultramarinas não tem havido grandes saldos referentes a essa emigração de açorianos. No entanto, S. Jorge do Catufe é uma próspera povoação angolana formada por jorgenses. E ainda recentemente se estabeleceu no Cubango outra leva de emigrantes jorgenses.

Concluindo: a corrente emigratória, quer clandestina quer normal, tem-se verificado desde o inicio da colonização dos Açores e, graças aos emigrantes que têm regressado com saudades da sua terra natal, têm-se dado grandes melhorias tanto em construções como no aperfeiçoamento da agricultura, pela introdução de novas plantas que nas nossas ilhas produziram imenso, contribuindo assim para uma melhor manutenção das famílias.

Portanto, se, nos primeiros tempos, a emigração retardou a colonização açoriana, não devemos esquecer que tem sido um factor importantissimo quanto ao desenvolvimento agrícola e industrial dos Açores.

Bem hajam os açorianos que regressaram com aquelas novidades para o seu torrão natal, não se esquecendo assim do cantinho que tantas vezes os embalou e que, pobrezinho e humilde, se tornou mais rico e próspero, graças aos esforços dispendidos por aqueles que se orgulham de serem filhos de uma terra bem portuguesa — os Açores.

Norberto Oliveira
2.º Círculo

Gil Vicente, fundador do teatro português, é um dos grandes dramaturgos europeus.

Pouco se sabe acerca da sua vida, por falta de documentos que nos digam quando nasceu ou morreu, ignorando-se até se de facto a ele devemos atribuir a famosa Custódia de Belém.

O que de certeza conhecemos acerca do grande dramaturgo é que frequentou as cortes de D. João II, D. Manuel e D. João III onde sempre gozou de toda a protecção.

Gil Vicente enveredou pelo caminho da glória no dia em que saudou a rainha pelo nascimento do príncipe herdeiro, com a representação do Monólogo da Visitação, escrito em castelhano para que ela melhor o entendesse.

Autor e actor, seria desde então o criador do teatro português.

Na situação privilegiada de que gozava na corte, propôs-se Gil Vicente ridicularizar os vícios e excessos cometidos pela alta nobreza, os defeitos do clero, as arbitrariedades e o fausto da fidalguia, bem como os erros do povo.

As suas inúmeras obras, algumas das quais escritas em castelhano, revelam profundos conhecimentos da sagrada escritura e outros ramos do saber. Era notável a sua cultura. Acusado de plagiar as obras de Ensina, de quem de facto recebeu influência, o dramaturgo para se defender desta acusação pediu que lhe dessem um tema para ele desenvolver. Sobre este tema dado compôs Gil Vicente a farsa de «Inês Pereira» considerada como a sua melhor obra de crítica social. Nela critica alguns defeitos da sociedade, nomeadamente a ânsia de ascensão social, sem méritos, e a dissolução moral.

Esta peça atesta bem a originalidade criadora de Gil Vicente.

Encontra-se por vezes nas suas obras a crítica social aliada ao assunto religioso. É o que acontece na trilogia das Barcas, de que vamos procurar dar uma ideia.

Na Barca do Inferno Gil Vicente apresenta-nos um quadro constituído por um cais onde embarcam para o destino eterno as almas saídas deste mundo. Lá estão preparadas duas, a da glória que tem por arrais um anjo e a do inferno de que é arrais o diabo.

Gil Vicente faz primeiro entrar em cena um fidalgo arrogante, frequentador da corte e que entendia que todos o deviam respeitar. O diabo humilha-o, escarnecendo dele, e o Anjo recusa-lhe um lugar na barca da Glória.

Entra depois um Onze-neiro, avarento da pior espécie, cuja vida não é de molde a garantir-lhe um lugar no Céu.

Surge um parvo, que por não ter responsabilidade nos males sociais, não é condenado.

Aparece um frade, figura que julga conseguir entrar na Glória, apesar da sua hipocrisia; mas o anjo não o recebe.

Não falta também no auto a alcoviteira e o Judeu, figuras sempre castigadas pelo dramaturgo, assim como o juiz e o advogado que se serviam das leis como de teias para apanhar os incautos, são forçados a seguir também na barca do Inferno.

Finalmente um enforcado criminoso, também se vê obrigado a acompanhar os outros condenados.

E apenas quatro cavaleiros mortos em defesa da fé e da Pátria conseguem entrada na barca da Glória.

Neste quadro assistimos à passagem de elementos de relevo e preponderância social portanto com responsabilidades na orientação dos homens.

Gil Vicente censura-os pelo mal que fazem. No entanto o nosso dramaturgo é

Primavera

Nos meados da Primavera, quando os aborrecimentos do Inverno já não lembram mas também quando ainda se não sentem as contrariedades do Verão, é tão bom viver!

Quando as árvores estão cobertas de folhas e as roseiras abrem os seus botões, parece que a alegria das flores se nos comunica, contagia e sentimos-nos mais fortes, mais alegres, com mais vida.

Rosas da Primavera, rosas de Abril, como são lindas, mesmo com espinhos.

Como seríamos felizes, se tivéssemos sempre a disposição que nos trazem as primeiras rosas.

E há variedades de rosas! Algumas elegantes, cuidadas como princesas, como se fossem alguém. Outras são vulgares, viveu nos jardins e quintais sem cuidado nem atenções de ninguém; mas nem por isso são menos belas.

Um contentam-se em viver rentes com o chão, pobres, ignoradas, sem que-

sobretudo um bom observador do real colidiano, e o diálogo tem, nas suas peças, mestria dramática e verdade fisiológica.

Quando à linguagem, tendo vivido no século dezasseis, na época de transição para o classicismo, conserva características arcaicas.

O seu verso preferido é a redondilha. Não devemos esquecer que a finalidade mais imediata de Gil Vicente era, corrigir a sociedade por meio de uma crítica veemente, conseguida por vários processos de comicitàes. Visto está, a sua grande originalidade é criar tipos sociais e fazer crítica à sociedade através do teatro.

A influência de Gil Vicente ultrapassou as fronteiras e veio a exercer-se profundamente no teatro espanhol posterior.

Hermínio

2.º Ciclo

rerem saber o que vai pelo mundo. Mas outras são curiosas, querem ver tudo e tudo saber, e então vão trepando, agarrando-se a tudo o que lhes sirva de apoio, sem mesmo repararem se é um sustentáculo firme.

Branças como as neves de Janeiro, doiradas como o sol a morrer, vermelhas como o sangue que aquece o nosso coração e nos dá vida, rosadas como as faces frescas das crianças... Ah! são tão variadas e de tal formosura as rosas de Abril!

Nada mais belo do que este mês. Frescas as manhãs e as árvores dum verde, tenro, onde há ninhos de avezinhas que nos encantam com os seus gorgeios ora alegres e triunfantes, ora repassados de saudades. E que lindas são as tardes de Abril, à beira-mar. O tom matizado das cores do céu vai reflectir-se no mar que reza baixinho uma prece...

Ao longe, ondas pequeninas, dum verde cor de esperança, rolam suavemente e vêm morrer devagarinho na areia.

Gaiivotas brancas, passam voando sobre as nossas cabeças e vão para longe levando para mundos desconhecidos, presas nas suas asas brancas, os nossos sonhos e as nossas ilusões de Primavera.

Uma brisa passa, murmurando misteriosamente a sua linguagem.

É essa hora encantadora do fim do dia, em que a natureza repousa, serena e melancólica, e em que a nossa imaginação parte nas asas dos sonhos para o Infinito.

E por toda a natureza em quietude perpassa uma atagem de nostalgia e paz e os sons das Avé-Marias elevam-se e vão até ao trono de Deus depor a Seus pés uma homenagem da Natureza.

Maria Santa da Silva

2.º Ciclo

Episódios do Canto III

O Canto III, do poema «Os Lusíadas», evoca muitas personagens, que se immortalizaram, tanto em guerras, como feitos e até em qualidades.

Esses heróis, pertenceram à 1.ª dinastia, e entre eles, distinguem-se, os reis. Mas, o que mais nos atrai a atenção são talvez os episódios que dão grande beleza a este Canto.

O episódio de Egas Moniz, é a exaltação da lealdade portuguesa. D. Afonso de Castela, julgou-se no direito de abrigar o rei português a prestar-lhe vassalagem. Mas este recusou-se a semelhante acto. Entretanto, apareceu um grande homem, Egas Moniz, que prometeu ao rei de Castela que essa homenagem seria prestada, por D. Afonso Henriques, caso o exército inimigo terminasse com o cerco de Guimarães. Mas, D. Afonso Henriques mais tarde levado pelo espírito de independência dos Portugueses não prestou vassalagem. Então Egas Moniz sujeitou-se à humilhação de ir ao encontro do rei de Castela e Leão, acompanhado da mulher e filhos, para se entregar à morte, como penhor da sua palavra. Vendo o rei tão sublime exemplo perdoou-lhe. Este belo acto, que era afinal um acto de amor à pátria, continua a ser immortalizado através da História e Camões immortalizou-o.

Mas há também o episódio da «Formosíssima Maria». D. Maria de Portugal, filha de D. Afonso IV, era casada com Afonso XI de Castela, quando este veio a precisar do auxílio lusitano para afugentar os mouros de Marrocos, que invadiam os seus territórios. O rei de Castela infligira maus tratos a D. Maria o que desagradou a D. Afonso IV. D. Maria é enviada pelo marido para conseguir do pai o desejado aválio militar. Suplica-lhe, que preste esse aválio a Castela, dizendo que, caso os Portugueses não ajudassem os castelhanos que ela pró-

pria ficaria em má situação. Perante esta cena, o rei comoveu-se a ponto de oferecer tropas para essa tremenda batalha, indo pessoalmente comandá-las.

E finalmente, o episódio de Inês de Castro. Era esta uma dama castelhana que veio para Portugal no séquito de D. Constança esposa de D. Pedro. Aconteceu que D. Pedro e D. Inês se apaixonaram, com menosprezo de D. Constança. Esta atitude do príncipe era reprovada pelos portugueses que não viam com bons olhos os desmandos dos dois. As pessoas influentes na corte encaravam o caso como fonte de indesejáveis consequências para o Estado e para a nação. Por isso depois de se aconselhar, o Rei determinou a execução de Inês de Castro.

Camões relata o episódio com relevo exprimindo nas respectivas estâncias a ternura amorosa da alma portuguesa em versos repassados de emoção profunda.

Estes três episódios conferem excepcional beleza ao Canto III de «Os Lusíadas».

Fátima Gaspar
2.º Ciclo

São assim os Estudantes...

(Conclusão da 5.ª página)

PERIGO!!!

Depois da invenção da bomba atômica e do veneno para formigas, uma nova catástrofe, ainda maior, surgiu entre nós, desta vez

na forma dum Opel Kapitän, e dum condutor desvairado, de cara suja, que, com intenções homicidas, se propõe satisfazer os seus caprichos de assassino confortavelmente sentado a um volante.

Calma rapaz, que embora o carro seja muito bom não dá para chegar ao Canadá.

- A avezinha -

Quem fosse aquela avezinha
Com penas, mas sem as ter!
Quem cantasse como ela
Aquele área tão bela
Sem conhecer o sofrer.

Voar daqui para ali
Sempre, sempre sem cessar...
Deste para aquele raminho,
Percorrendo o meu caminho
Num alegre saltitar.

Se ela sofre tudo esquece
Quem me dera ser assim.
Desta maneira chorando
Eu vou sempre aumentando
Esta dor que não tem fim.

Oh! Mas agora caiu,
Tem uma asinha a sangrar...
Tal como o meu coração
Espesinhada no chão,
Não voltará a voar!

Minhas lágrimas correndo
Vão banhar a sua ferida,
E eu, por ter sido mesquinha,
Junto daquela avezinha
Bem me sinto arrependida.

7.º Ano

Flor de Liz

Precisa-se

Para fins matrimoniais, duma rapariga de nacionalidade lusa, com «idade para amar», de cabelos castanhos, esbelta, de preferência com o curso do Magistério Primário e que não se escreva com «boys» nos Estados Unidos.

Tratar com o pianista H. C.

Nota: requerem-se na rapariga dotes morais e intelectuais em quantidade, de modo que ela possa servir de «farol» na já muito escura vida do citado pianista.

Nem tudo o que luz é ouro

Não há núvens no céu. O sol desenha no chão através das árvores cobertas de folhagem, rendar de sombra.

Sopra uma ligeira brisa, que traz o perfume encantador das mais variadas flores.

Ao longe espalham-se as águas cristalinas duma pequena ribeira, douradas pelo sol e irradiando a mais pura tranquilidade.

Sim, é realmente inebriante o magnífico quadro que se desenrola perante o olhar absorvido de qualquer espectador, que se deixa dormir pela própria Natureza, cheia de paz e encanto.

Muitas vezes esse espectador chega até a não se aperceber dos inúmeros pe-

rigos que lhe podem surgir, tais como: uma brusca mudança de tempo, ocasionando uma enorme tempestade, que num momento de certo poderia destruir-lhe por completo toda a alegria.

Ora é precisamente o que acontece com a frequência na vida humana.

Quantas e quantas vezes tomamos amizades a pessoas que nos parecem ser totalmente sinceras e notamos depois que afinal a sua amizade não passa dum interesse pessoal e duma habilidosa hipocrisia.

Também sei lá quantas vezes conhecemos indivíduos que aparentam ser dotados das melhores qualidades e sentimentos, mas finalmente passado algum

tempo verificamos nitidamente que tudo isso se reduz a um grande fingimento e a uma enorme pompa exterior.

Acontece porém, que não raro nos deixamos influenciar e dominar fortemente por estas aparatosas e hipotéticas qualidades e sentimentos.

Mas ponderemos um pouco e veremos que realmente por debaixo destas aparências existe frequentemente um elevado grau de falsidade.

Tem razão o povo no seu conhecido e velho provérbio: «Nem tudo o que luz é ouro».

Zuraida Madruga
2.º Ciclo

São assim os Estudantes...

TEMPORADA TEATRAL

ÉPOCA DE VERÃO

Argumento muito geral de uma peça teatral que foi apresentada na cidade de Angra, durante as últimas férias:

Local: Jardim, mais precisamente: «Memória».

Personagens: Aristos Patagónia e Madame Lucy.

Enredo: A cena começa com um diálogo extremamente romântico, que se prolonga por toda uma tar-

de, com juras de amor e frases clássicas do género:

«— Podes ter a certeza que te escrevo!»

«— Ó filha, palavra de honra que não namoro ninguém lá no Faial!»

Ao fundo um coro entoava uma canção adequada em que se repete o estribilho:

«Calcula lá ó D. Juan,
Ó homem dos pés desconformes
Que esses teus amores enormes
Se sabem em cima da Lomba!...»

A peça termina dramaticamente, com derramamento de sangue, pois a dama, dum maneira cruel, armada com um terrível canivete, tentou cortar os pulsos ao pobre Aristos Patagónia.

Fecham os panos e o actor exhibe orgulhosamente a todos os espectadores a gloriosa ferida.

Trânsito...

Recorte duma notícia publicada com grande relevo na edição de um de Abril último dum jornal terceirense:

«Angra 1 — A despeito da já conhecida habilidade dos nossos sinaleiros para dirigir o tráfico de veículos verificou-se ontem na Rua Direita um espantoso engarrafamento de trânsito, que, felizmente, não teve consequências de maior.

O carro em questão—um Volkswagen cinzento—ocupado por algumas senhoras que se entretinham a dar passeio ao «carro dos bebés», parou súbitamente.

Alguns transeuntes acercaram-se desejosos de prestar auxílio, mas a sua surpresa foi grande quando verificaram que os próprios «bebés» se empenhavam em ajudar as damas—que se não eram as suas «mamães» pelo menos pareciam—e numa solicitude extrema estavam a empurrar o carro.

Segundo nos informaram depois, a «pane» era na bateria. Mas o curioso é que o esforço dos «miúdos» foi o bastante para dar à bateria o calor de que ela necessitava.»

PROBLEMA RESOLVIDO

Na última edição do nosso jornal fizemos referência a um problema amoroso, cuja solução já se apresentava bastante demorada:

A F. tentava descobrir qual das duas profissões possuiria mais atractivos—se a de empregado bancário se a de sargento da Marinha.

A solução parece que já chegou, pois fomos informados pela agência noticiosa «Mexeriqueice & C.ª», de que a F. escolheu definitivamente (até mais ver) a Marinha.

Um aviso: olha que na Marinha de Guerra não é permitida a permanência de mulheres a bordo e o período de soberania no Ultramar foi aumentado para quatro anos...

Secção dos Talentos

Decidimos abrir no nosso jornal esta secção, dedicada a todos aqueles que demonstrem possuir talento para as artes literárias e que desejem vingar na vida sob esse aspecto.

Assim, iniciamos a secção com um talentoso autor, até aqui desconhecido, mas que demonstrou ser detentor duma invulgar inspiração artística. É que a obra que ele escreveu, plena dum lirismo romântico, assenta as bases na vida real: baseia-se na grande paixão do próprio autor por uma dama que não lhe

quer corresponder. Assim toda a sua obra vibra com um sentimento passional, um arrebatamento indescritível, em versos que nos penetram no mais fundo da alma e nos dulcificam todo o ser.

Eis a transcrição duma passagem de maior sentimento e realismo:

Eu a princípio
era tão sossegadinho
mas as meninas do Cais do Pico
puseram-me tão levantadinho.

No dia do Senhor Santo Cristo
eu ia à Prata arranjar um namoro
mas ela disse-me logo que não
porque ia morrer de choro.

Sinceridade acima de tudo

Caro amigo M.

Tudo o que te vamos dizer não constitui, de modo algum, um conselho, mas sim um encorajamento:

Sabemos que gostas da rapariga... por isso fazemos votos para que ela saiba disso. É que, sabes, há muita gente apaixonada que perde por ser tímida. Depois, queremos dizer-te que insistas. Intensifica os passeios à Alameda Barão de Roches e continua a fazer de conta que só vais lá para ver os quadros do cinema.

Sobretudo, nunca desistas! Às vezes são precisas muitas tentativas, sobretudo quando ainda não se fez nenhuma...

P. S.—E isto é para a menina, se o jornal chegar ao Pico: é preciso ser-se muito cruel para que o seu coração continue insensível aos sentimentos de um rapaz que pela primeira vez sabe o que é amar! Seja ao menos caridosa!

Não podemos tornar público o nome do autor. Esclarecemos apenas que é aluno do 7.º de Ciências.

E esta?...

Toda a gente sabe que o O. gosta muito (pelo menos gostava) de andar de mota. Era vê-lo o dia inteiro, nessas ruas a «queimar» gasolina (sem pensar em estudar — palavra de honra que nos fazia pena...)

Pois agora tudo mudou! O O. já não anda de mota: só a pé, mas acompanhado... e com que companhia!...

—Oh! Yes Sure! Love is a wonderful thing!

—Ó priminha fala português que eu de inglês não «petisco» quase nada!

Quem é...

...O menino do 7.º ano que não quer chumbar este ano?

CHUMBE O SEU EXAME COM ALEGRIA LENDO O JORNAL «ARAUTO»